

Vivendo autenticamente...

“Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no Reino dos céus, mas sim aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus” (Mt 7, 21)

Quem nunca se deparou com momentos da sua vida em que se questionou sobre a razão e o sentido da sua vivência religiosa, da sua fé? Quem é que nunca se questionou sobre o porquê ou a real necessidade de tantos trabalhos pastorais, reuniões e energias gastas na evangelização? Quem nunca olhou para as limitações reais da sua Igreja e da sua comunidade de fé e se questionou: será que é isto que Jesus realmente pregou? Seria essa comunidade que Jesus desejava construir a partir de sua pregação? Quantos exemplos contraditórios entre a vida e a fé professada presenciamos do laicato às instâncias eclesiais? Quantas vezes nos deparamos sendo contraditórios? Quantas vezes nosso impulso evangelizador foi movido por necessidades de suprir problemas psico-afetivos e carências não resolvidas em nós? Quantas vezes nosso engajamento em trabalhos pastorais foram motivados mais pelo nosso orgulho e necessidade de mostrar competência do que por razões realmente cristãs? Certamente são questionamentos legítimos e que, teve, seria um parar e refletir.

Sabemos que só a nossa fé, que é viver conforme obediente a Deus Espírito Santo, opções concretas, do dia-a-dia. Mas concretas são inseridas dentro de uma que nem sempre refletir sua real

Pelos pecados, erros passados, por divisões na tua Igreja, ó Jesus.

Senhor Piedade. Cristo, Piedade. Senhor Piedade, piedade de nós.

Quem não aceita, quem te rejeita, pode não crer por ver cristãos que vivem mal!

Senhor Piedade. Cristo, Piedade. Senhor Piedade, piedade de nós.

Hoje se a vida é tão ferida, deve-se a culpa, à indiferença dos cristãos.

Senhor Piedade. Cristo, Piedade. Senhor Piedade, piedade de nós.

quem ainda não os bom momento para

podemos expressar uma atitude de Cristo, sendo fiel e através da ação do através de nossas das nossas atitudes estas opções realizadas por nós de um contexto, situação presente, e são capazes de intenção. Ou seja,

nossa liberdade está sempre sob a pressão concupiscente do pecado.

Por esta razão, sempre se faz necessário revermos nossa maneira de ser e de viver, para que possamos cada vez mais viver autenticamente como cristãos. Um bom exemplo de questionamentos que podem nos ajudar nesse processo, pode ser encontrado no livro “A Salvação de Jesus Cristo – A doutrina da graça” do Dr. Pe. Mario de França Miranda, que são: “É nossa fé autêntica ou mera busca de segurança? É nossa castidade autêntica ou instintos adormecidos ou reprimidos? É nossa mansidão autêntica ou fraqueza covarde? É nosso compromisso com o irmão autêntico ou busca disfarçada de gratificação afetiva? É nossa luta pela justiça autêntica ou fuga dos nossos problemas cotidianos? É nossa prudência autêntica ou medo camuflado? É nossa obediência autêntica ou submissão infantil de imaturo? É nossa atividade apostólica autêntica ou expressão de autoafirmação? É nossa denúncia profética autêntica ou inconformismo psicopatológico? É nosso amor à cruz autêntico ou autopunição sacralizada?”

Estas perguntas servem não apenas para apontar nossas limitações ou nossa vivência incoerente da fé, mas, sobretudo, para nos alertar da importância da vigilância, conforme atestam os escritos neo-testamentários. Sim, devemos estar em constante vigilância, em constante processo de conversão. Onde a chave desse processo está na autenticidade, na

nossa honestidade diante de nós mesmos e do outro de reconhecermos nossas fraquezas e nossos limites. Autenticidade e humildade para assumirmos as nossas sombras, os nossos limites, o nosso lado que temos vergonha de reconhecê-lo.

Porque um processo de conversão que não parta de dentro da pessoa, da sua identidade mais profunda e radical, que não assuma suas sombras, não é um processo de conversão. É apenas um paliativo para acalmar nossas consciências e tentar nos convencer, e ao próximo, que estamos buscando o caminho de Deus. É um processo extrínseco estéril que não é capaz de transformar a pessoa em sua totalidade. É um processo de faz-de-conta que leva à frustração da pessoa.

“Sede perfeitos assim como o vosso Pai é perfeito”. Essa é a nossa meta. Uma meta certamente inatingível enquanto não tivermos o encontro com Deus face a face. Uma meta inatingível sim, porém estimulante. Uma meta que nos diz que nunca devemos nos acomodar e deixar de buscar a libertação da nossa liberdade. Nunca devemos deixar de buscar a todo instante a nossa conversão autêntica, assumindo nossa real identidade, para que, aos poucos e com a ação do Espírito Santo, possamos nos configurar a Cristo.

Se a evangelização e os encontros pastorais na Igreja Católica estivessem mais voltados no auxílio mútuo para o processo de conversão autêntica e menos preocupados em transmitir doutrinas e ensinamentos, veríamos comunidades cristãs sendo mais sinais de Jesus no mundo. Não é vestindo a fantasia da “santidade” que estaremos nos convertendo ou ajudando nosso próximo nesse processo. E sim, assumindo nossas falhas e limitações, para a partir delas começarmos o processo autêntico de transformação. Mais vale um pecador que, na tentativa de agir segundo a ação do Espírito Santo, cometeu erros, do que uma “santidade” aparente de alguém que nunca tentou agir autenticamente, ficando apenas no comodismo e na superficialidade da vivência e dos relacionamentos.

Leonardo Núñez de M Reis
Bacharelado em Teologia na PUC-Rio
leonardo.reis@gmail.com